

## O Caos em Cores<sup>1</sup>

Thamara Rocha Ribeiro FAGURY<sup>2</sup>

Serena Veloso GOMES<sup>3</sup>

Ana Rita Vidica FERNANDES<sup>4</sup>

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

### RESUMO

O trabalho *O caos em cores* é um projeto de design gráfico de um livro-reportagem. Ele foi desenvolvido com a finalidade de evidenciar a relação de visibilidade e invisibilidade da Arte Pública em Goiânia, no trajeto Praça Cívica, Rua 10 e Praça Universitária a partir da experiência e contato das autoras com obras de determinados artistas. O projeto foi desenvolvido pelos alunos de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG como requisito para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso orientada pela professora Ana Rita Vidica Fernandes, no semestre letivo de 2012/2.

**PALAVRAS-CHAVE:** Projeto gráfico; Intervenção urbana; Grafite; Livro-reportagem; Fotografia.

### 1. INTRODUÇÃO

Em fins da década de 1980 chega à Goiânia uma das derivações da Arte Pública, manifestação que aos poucos, a partir da década de 1960, foi incorporada à paisagem das grandes cidades brasileiras. O grafite, uma de suas representantes, ganhou as ruas da capital goiana com suas cores e formas e se disseminou pela cidade, com o crescimento do número de obras artísticas nos últimos anos. Apesar disso, esta arte, que se tornou tão presente no cotidiano da população que transita pelas principais vias do centro urbano, não recebe a devida atenção.

Tantas belezas estampadas em cada canto da cidade parecem passar pelo olhar das multidões sem qualquer interesse. No caminhar pelas ruas de Goiânia, percebe-se como o imediatismo afeta um dos sentidos primordiais do ser humano: a percepção. Os passos

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria V – Produção transdisciplinar, modalidade PT 02 Design Gráfico (avulso).

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e estudante concluinte do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: thamararrf@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante concluinte do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: seh.veloso@gmail.com.

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho e Docente do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, e-mail: anavidica@gmail.com.

apressados dos caminhantes não evitam apenas o prazer visual exercido pelo contato com Arte Pública, mas também a experiência estética proporcionada pela difusão de sensações, simbologias, signos. Pois como afirma Mitchell (2009, p.170), o grafite, assim como outras mídias como o cinema, a televisão e arquitetura, não se limita puramente ao visual, mas agrega outros sentidos transmitidos a seus observadores.

Foi na tentativa de mostrar a relação de visibilidade e invisibilidade da Arte Pública com o imediatismo da vida contemporânea que surgiu o livro-reportagem *O caos em cores*, trabalho experimental em design gráfico orientado pela Prof.<sup>a</sup> Ms. Ana Rita Vidica como proposta de trabalho de conclusão de curso em jornalismo, que proporcionou às alunas envolvidas uma grande pesquisa teórica sobre o assunto, além do exercício de atividades ligadas ao jornalismo, como a prática da entrevista, o registro de imagens para documentação e ilustração do texto, e o texto em si, que junto à diagramação final, deu corpo ao livro-reportagem.

Diante da gama de possibilidades de abordagem jornalística, o livro-reportagem nos pareceu mais conveniente devido a abrangência de seu formato e a profundidade como determinados temas podem ser tratados neste suporte. Este iria reunir todas as atividades feitas exclusivamente pelas alunas, que foram desde a escolha dos artistas às entrevistas; fotografias, edição de imagens, textos e elaboração do projeto gráfico do livro.

O primeiro desafio foi a delimitação do tema, já que o assunto escolhido primeiramente (Arte Pública) era muito amplo. E dentro desse universo, várias linguagens se mostravam interessantes para serem abordadas em um trabalho que requeria meses de pesquisa e muita dedicação. Assim que escolhida a temática do grafite na cidade de Goiânia, segundo as experiências pessoais e percepções das autoras sobre esse estilo de Arte Pública, outra decisão nos foi imposta: limitar o espaço físico o qual retrataríamos na publicação e de onde selecionaríamos as obras de arte que iriam compor o trabalho.

Assim que essa tarefa nos foi dada, escolhemos o trajeto da Praça Cívica, Rua 10 e Praça Universitária, no coração da cidade de Goiânia, lugares que recebem milhares de transeuntes todos os dias e que são frequentados comumente pelas autoras, o que facilitaria ainda mais nossa empreitada. Por fim, rastreamos os grafites que compõem o percurso e priorizamos alguns que, de acordo com nossa vivência e contato com as artes se mostraram mais interessantes, partindo assim para escolha dos entrevistados, que são os personagens do livro-reportagem.

## 2. OBJETIVO

Elaboração de um projeto gráfico de um livro-reportagem como um meio adequado para dar visibilidade à Arte Pública no percurso de algumas das principais vias de Goiânia – Praça Cívica, Rua 10 e Praça Universitária – relatando não só as vivências pessoais dos artistas que participam de intervenções com suas obras, como também as das autoras, que poderia ser a de qualquer pessoa que se propusesse a andar na cidade.

Inspiradas pela experiência perceptiva da cidade, que serviu de método para a escolha das obras de Arte Pública, desenvolvemos alguns estudos sobre intervenção urbana que embasaram a construção do livro-reportagem.

## 3. JUSTIFICATIVA

Será que a dinamicidade do mundo contemporâneo não permite à sociedade urbana um contato mais próximo com as obras de arte dispostas no espaço público de Goiânia? A migração da arte para as ruas viabilizou a democratização do acesso à cultura? Estas perguntas motivam a pensar sobre a relação de visibilidade e invisibilidade da Arte Pública.

No centro das grandes cidades vive-se uma realidade voltada para as urgências do presente e a superação das barreiras de tempo e espaço. Percebe-se uma perda, ao longo do desenvolvimento delas, a sensibilidade com aquilo que está ao nosso redor e as riquezas que nos cercam se tornaram imperceptíveis aos olhos, resultado do imediatismo da vida contemporânea.

Nesse sentido, Edmond Jaloux (*apud* Benjamin, 2006, p. 479) descreve a relação caótica entre o homem e a cidade, como fruto do advento da modernidade.

Um homem que passeia não deveria ter de se preocupar com os riscos que corre ou com as regras de uma cidade. Se uma ideia divertida lhe vem ao espírito, se uma boutique curiosa se oferece à sua vista, é natural que, sem ter de afrontar perigos que nossos avós nem mesmo puderam supor, ele queira atravessar a rua. Ora, ele não pode fazê-lo hoje em dia sem tomar mil preocupações, sem interrogar o horizonte, sem pedir conselho à Prefeitura da Polícia, sem se misturar a uma turba atordoada e acotovelada, cujo caminho está traçado de antemão por mil placas de metal brilhante. Se ele tenta reunir os pensamentos fantásticos que lhe ocorrem, e que as visões da rua devem excitar, é ensurdecido pelas buzinas, entontecido pelos alto-falantes..., desmoralizado pelos pedaços de conferências, de informações políticas e de jazz, que escapam furtivamente das janelas (2006, p.479).

Desse modo, as pequenas coisas da vida se tornaram efêmeras diante da necessidade da sociedade atual em renegar o durável. Ainda assim, em meio ao ritmo frenético dos espaços urbanos, podemos encontrar uma figura rara: o *flâneur*. Tal transfiguração fantasmagórica, retratada por Benjamin em sua obra, vaga sem rumo pelas ruas da cidade, em meio a multidões, atenta a detalhes da paisagem que se transformam em um misto de beleza e prazer aos seus olhos.

Em seu caminhar, o *flâneur* vivencia cada momento como único, perdido diante da vivacidade de cada canto, cada lugar. “Seu olho aberto e seu ouvido atento procuram coisa diferente daquilo que a multidão vem ver. Uma palavra lançada ao acaso lhe revela um desses traços de caráter que não podem ser inventados e que é preciso captar ao vivo” (BENJAMIN, 2006, p.497).

Um momento de contemplação do *flâneur* às obras de arte disponíveis no espaço urbano poderia nascer em um agradável passeio pelo centro de Goiânia. Porém, a rapidez com que caminhamos pelas ruas dos centros urbanos, devido às rotinas impostas pela atual sociedade, nos impede de experimentar as mais diversas sensações ao nos depararmos mais intimamente com a arte que colore cada canto da cidade e que ali busca a construção de um diálogo com um público heterogêneo - estes são de diferentes classes sociais, etnias e culturas – e instigar o imaginário coletivo, sendo absorvida gradativamente na memória do transeunte.

Vimos no trabalho *O caos em cores* não só a oportunidade de fazer uma reflexão sobre o assunto, mas também de entender o processo de ocupação da arte no espaço público. Por se tratar de um tema profundo e o tanto quanto poético e pela falta de material disponível e organizado, o formato do livro-reportagem pareceu-nos o mais adequado, já que, além de comportar uma abordagem mais densa também permite linguagem literária, por meio de um gênero jornalístico diferenciado: o jornalismo literário. *O caos em cores* traz ainda a discussão do assunto para os meios de comunicação, de forma mais aprofundada que uma matéria de um jornal diário.

#### 4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para compor as imagens que não só ilustram o livro, mas também se apresentam como um registro de nosso passeio pela cidade, utilizamos os equipamentos Nikon D90, Canon T2i e Nikon D300. Em busca de diferentes perspectivas das obras de arte,

procuramos captar a relação tão intensa entre obra e cidade, mas fugindo ao grande movimento existente nos pontos fotografados, já que pretendemos repassar a sensação dos entornos urbanos como verdadeiras telas que abrigam a diversidade de obras e de artistas. A intenção é justamente passar ao leitor o efeito de que ele está a caminhar, em uma visita às pinturas como *flâneur*, sem que qualquer multidão o distraia. Seria um momento de contemplação, para instigar os leitores a fazerem seus trajetos visuais dentro do espaço urbano.

A partir de informações obtidas durante as entrevistas e do embasamento teórico elaboramos a primeira e a segunda parte do livro, que consistem na Apresentação e no primeiro capítulo, *O percurso na cidade*. Nesses capítulos abordamos um panorama do grafite em Goiânia.

Para a coleta das informações dos artistas e de suas obras, foi elaborado roteiro fixo de perguntas para todos, com 22 itens, mas com abertura para outras abordagens, de acordo com as respostas dadas e o interesse em aprofundar em determinados assuntos. Dentre as questões, algumas mais gerais sobre os primeiros contatos dos grafiteiros com a Arte Pública, até mais específicas que relacionam a produção artística de cada um ao público que usufrui da mesma através da percepção.

Como suporte para a construção do capítulo 2 do livro *O caos em cores* utilizamos os relatos dos artistas para elaborar pequenos perfis de cada um, também levando em conta o ambiente onde as entrevistas foram realizadas e suas personalidades. Para identificar cada artista com sua obra, inserimos fotografias que ilustram seus trabalhos ao longo do percurso da Praça Cívica à Universitária.

No terceiro capítulo contamos de forma poética nossas sensações ao nos depararmos a outras obras do trajeto, mas que não foram abordadas de forma detalhada com as pertencentes aos artistas entrevistados. Assim, o livro reportagem mostra que mesmo que as obras sejam efêmeras nos muros da cidade, elas se perpetuam nesse suporte e podem continuar na memória do leitor.

## **5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Para esse trabalho experimental, consideramos ser mais adequado um formato de livro-reportagem que comporte de forma conceitual a questão do percurso, levando ao leitor a ideia de que ele mesmo pode traçar um trajeto dentro do livro. Por isso, o livro se torna

aqui mais do que uma arte meramente visual, ele reativa o imaginário humano através de outras formas de percepção como o tato, inserido no contexto pelo modo como as fotografias se organizam dentro deste espaço.

A construção narrativa de texto e imagem baseou-se, sobretudo, na concepção de que assim como o grafite revitaliza o espaço urbano e o completa ao transformar os entornos da cidade em verdadeiras telas, o livro-reportagem se complementaria ao longo da construção deste passeio por obras e artistas, visto por uns, mas invisíveis para outros.

Optamos então por criar, dentro de cada capítulo de *O caos em cores* (Imagem 1) um espaço para a descoberta, a surpresa e a criatividade. Nos capítulos de abertura e fechamento, foram reservadas páginas onde se encontram envelopes. À primeira vista, não se sabe do que pode se tratar, mas ali, escondidas por uma folha de papel estão as imagens construídas a cada nova experiência com os grafites da cidade.

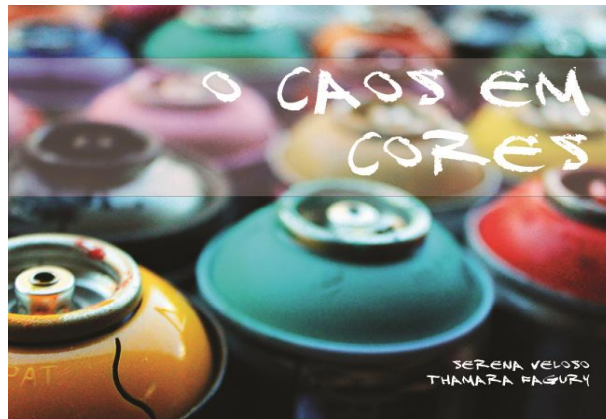


Imagem 1 – capa do livro *O caos em cores*

Por se tratar de um livro que prioriza o registro imagético, consideramos o formato paisagem (19x23cm) como o mais adequado para a inclusão das fotos, principalmente as captadas em panorâmica horizontal, visto que as obras de arte abordadas, em sua maioria, apresentam-se em maior extensão horizontal.

Para resgatar a memória da Arte Pública, mais especificamente do grafite, no percurso focado e ainda destacar as pessoas que estão por trás de cada obra produzida, no caso os grafiteiros, dividimos o livro em quatro partes. A primeira diz respeito à apresentação do tema a ser discutido e um aprofundamento da questão da Arte Pública em Goiânia.

Na sequência escrevemos o primeiro capítulo *O percurso na cidade* onde se descreve um pouco mais sobre o trajeto registrado e as artes escolhidas para compor nossa publicação, com fotos dos locais por onde passamos. Para página onde se encontra o

envelope com as imagens, escolhemos uma diagramação diferenciada: o texto cerca o envelope colocando-o em destaque na página. Dessa forma, reiteramos ao leitor a ideia de percurso moldado pelas próprias obras de arte.

Quanto à organização dessas fotos, escolhemos a impressão em papel no formato sanfonado, novamente objetivando transmitir a sensação de percorrer as páginas e descobrir as pinturas registradas.

No segundo capítulo *As vozes do grafite em Goiânia* (Imagem 2), como tratamos mais especificamente dos artistas envolvidos, optamos por distribuir as fotos ao longo das páginas. Nesta parte do livro abordamos os trabalhos mais específicos destes artistas e ainda o perfil de cada um, separadamente.



Imagem 2 – Abertura do capítulo *As vozes do grafite em Goiânia*

Dentro do terceiro e último capítulo, *Redescoberta do trajeto* optamos por mostrar através de imagens, outras obras do mesmo percurso realizado. São obras que não foram abordadas particularmente em entrevistas com artistas, mas que não podem ser ignoradas, pois também fazem parte das manifestações artísticas expostas dentro do espaço urbano. Também neste capítulo se encontra um envelope com as fotos organizadas em papel sanfonado.

Finalizamos o livro com a apresentação da equipe e dos colaboradores. Nos apropriando de uma gíria muito utilizada pelos grafiteiros para sinalizar o grupo a que pertence, brincamos com o termo *crew*, indicando os participantes da construção do livro.

## 6. CONSIDERAÇÕES

A elaboração de um livro-reportagem envolvendo a temática do grafite no centro de Goiânia permitiu a nós autoras um contato mais próximo com a Arte Pública que se faz presente em nosso percurso cotidiano. Podemos assim perceber a relação entre o espaço

urbano e as obras de grafite espalhadas no trajeto delimitado e transmitir nossa própria experiência perceptiva e sensitiva das intervenções, além da experiência pessoal dos artistas responsáveis pelo processo criativo, instigando os leitores a também se aventurarem nesta descoberta de uma cidade, muitas vezes, invisível aos olhos dos transeuntes.

Por meio da utilização de um formato que possibilita uma maior liberdade na abordagem deste assunto, que por si só carrega uma certa informalidade, visto que o grafite também leva a sensação de liberdade criativa aos artistas adeptos, experimentamos ainda o fazer jornalístico em um âmbito maior do que aquele praticado no cotidiano. Além de assumirmos o papel de escritoras, editoras de texto, fotógrafas, editoras de imagem e diagramadoras, tivemos a oportunidade de contribuir na documentação textual e imagética da memória visual de nossa cidade, colaborando assim para a permanência das obras de grafite, consideradas efêmeras por estarem sujeitas a todo e qualquer tipo intempéries, no imaginário coletivo de nossos leitores.

Talvez os grafites não ganhem as primeiras páginas do jornal diário ou continuem obscuros aos insensíveis, aos caminhares dinâmicos, aos condutores dos velozes veículos que cruzam ferozmente as vias mais movimentadas de Goiânia, mesmo que não estejam escondidos. Ainda assim, estará vivo por meio de nossas impressões, se eternizará nas páginas do livro, mesmo que o tempo transcorra. A partir da nossa experiência os leitores poderão construir suas próprias narrativas sobre a cidade e percorrer a diversidade de trajetos que ela oferece.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **M [O Flâneur]**. In: *Passagens*. Belo Horizonte, Editora UFMG/Imprensa Oficial de São Paulo, org. Willi Bolle, 2006, p.461-498.

MITCHELL, W. J. T. **Não existem mídias visuais**. In: Diana Domingues (org.). *Arte, Ciência e Tecnologia – Passado, presente e desafios*. São Paulo: Ed. UNESP/Itaú Cultural, 2009, p.167-178.